UM OUTRO MUNDO NO MUNDO DA ESCOLA: ESCOLARIZAÇÃO E VULNERABILIDADE SOCIAL DE JOVENS, FILHOS DE CATADORAS DE UM LIXÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Elaine Ferreira Rezende de Oliveira
Faculdade de Formação de Professores – FFP/UERJ
oliveiraelaine1@gmail.com

RESUMO
Esse artigo apresenta os resultados de uma pesquisa com um grupo de jovens, filhos de catadoras de um lixão da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O objetivo da pesquisa foi analisar a relação entre escolarização e vulnerabilidade social nas trajetórias escolares de 09 jovens de 15 a 18 anos, a partir dos depoimentos de suas mães, catadoras do lixão de São Gonçalo. As análises se apoiaram em Pierre Bourdieu e autores do campo da Sociologia da Educação que investigam a escolarização e sua relação com a origem social dos indivíduos. Também foram usados autores da Sociologia e da Antropologia Urbana que pesquisam a região metropolitana do Rio de Janeiro. A pesquisa apontou que, assim como as catadoras, seus filhos jovens apresentam percursos escolares acidentados, o que demonstra que a escolarização de frações muito pobres da população continua sendo um desafio para o campo da Educação no Brasil.
Palavras-chave: Escolarização de camadas populares e vulnerabilidade social, Sociologia da Educação, Sociologia e Antropologia Urbana.

ABSTRACT
This article presents the results of a research with a group of youngsters, children of scavengers in a dump in the metropolitan region of Rio de Janeiro. The goal of the research was to analyze the relation between schooling and social vulnerability in the scholar trajectories of nine youngsters between 15 and 18 years old, from their mothers' testimonies - scavengers in a dump in São Gonçalo. The analyses were based on Pierre Bourdieu and authors in the field of Sociology of Education that investigate the schooling and its connection with the individuals' social origin. Authors of Urban Sociology and Anthropology that work doing research on the metropolitan region of Rio de Janeiro were also used. The study has shown that, as well as the scavengers, their young children present deficient scholar courses, what demonstrates that the schooling of very poor fractions of the population keep being a challenge for the field of education in Brazil.
Keywords: Schooling of popular layers and social vulnerability; Sociology of Education; Urban Sociology and Anthropology;

1. Introdução

Investigar a escolarização de jovens que vivem na precariedade, em situação de vulnerabilidade social, é um desafio. Deparei-me com essa realidade ao trabalhar

como coordenadora pedagógica em uma organização não-governamental (ONG) que funcionava como creche, além de oferecer cursos de corte e costura, informática, panificação etc. e de abrigar, em suas instalações, um posto de saúde da prefeitura, que atendia aos catadores do lixão[1] de São Gonçalo.

Trabalhei ali por dois anos, sentindo o cheiro que emanava do lixo à minha volta e observando a influência que o tráfico de drogas exercia naquela localidade. Quando alguém se feria ou era ferido por traficantes, solicitava ajuda a funcionários e dirigentes da ONG, que levavam os feridos de carro para o pronto-socorro da cidade. Como complicador desse cenário, quando havia conflitos na localidade, éramos obrigados a fechar a escola e só voltávamos a funcionar quando a situação se normalizava, por ordem dos traficantes do local.

Durante esse período, observei que entre os catadores do lixão de São Gonçalo, já é possível encontrar famílias que sobrevivem da atividade de catação há três gerações. Nesse grupo, a interrupção precoce da escolarização pode ser um indicador de que essas gerações continuam trabalhando no lixão por não terem a escolarização mínima exigida atualmente para o ingresso em profissões mais qualificadas no mercado de trabalho.

Por reconhecer naquele contexto as duras contradições impostas pelo sistema capitalista aos mais pobres, senti necessidade de compreender aquela realidade. Para alcançar tal entendimento, o caminho que me pareceu mais plausível foi o desenvolvimento de um trabalho acadêmico no campo da Sociologia da Educação. Com esse objetivo, ingressei no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), para investigar a escolarização desse grupo social. Entrevistei 10 catadoras do lixão de São Gonçalo, nesse artigo, apresentarei os dados obtidos sobre a escolarização e a vulnerabilidade social que cerca a vida de nove jovens, de 15 a 18 anos, a partir do

[1] Os lixões são locais conhecidos como vazadouros ou lixeiras, onde caminhões de lixo de diversas procedências despejam resíduos sólidos sem tratamento prévio. Essa é a forma mais utilizada para a destinação do lixo no Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao ano de 2008, de todo o lixo produzido no Brasil, 59% são dispostos em lixões e depósitos clandestinos, o que representa três quartos do lixo produzido no país (S. A. Paulista. Cartilha Eletrônica. Disponível em: <http://www.sapaulista.com.br>. Acesso em: 1 abr. 2008). O lixão de São Gonçalo, município da região metropolitana do Rio de Janeiro, está localizado no Complexo do Salgueiro, denominação utilizada por jornais da cidade para designar um conjunto de bairros pobres que sofre forte influência do tráfico de drogas.

discurso de suas mães, catadoras de um lixão da região metropolitana do Rio de Janeiro[2].

No que se refere à apresentação do trabalho, para melhor discorrer sobre a pesquisa, seus resultados e considerações, estruturei o presente artigo em três sessões. Na primeira parte apresento o tema, escolarização das camadas populares, e o referencial teórico utilizado na pesquisa. Na segunda parte descrevo o cenário de vulnerabilidade social em que vivem os nove jovens e dados sobre a escolarização do grupo. Na última parte do texto faço considerações sobre os resultados da pesquisa e a escolarização dos mais pobres no Brasil.

2. Escolarização de camadas populares

O abandono precoce dos bancos escolares pelos mais pobres[3] é amplamente estudado no Brasil e pode contribuir para que eles reproduzam o lugar social de seus pais, na medida em que a escola, no sistema capitalista, auxilia na transformação de desigualdades sociais em desigualdades escolares e, nesse sentido, pode reforçar a reprodução de desigualdades sociais.

Entretanto, é preciso considerar que o processo de expulsão dos mais pobres da escola ocorre hoje de forma mais branda (BOURDIEU, 2008a), se levarmos em consideração o aumento de anos da escolaridade da população nas últimas décadas. Para Bourdieu (2008b), esse aumento de anos de escolaridade pode significar apenas que o processo de eliminação dos mais pobres foi diluído no tempo, pois, se permanecem atualmente por um período mais longo no sistema de ensino, os mais pobres também introduzem nele contradições e conflitos relacionados a uma escolaridade que tem como objetivo ela mesma, denominada "processo de democratização da educação".

Desse modo, parecia-me que se desenvolvia uma estranheza em que os jovens filhos de catadores e escola não se entendiam, fato que pode contribuir na aceitação de que os mais pobres, os que estão situados na base da pirâmide social – como é o caso dos catadores dos lixões –, participassem do processo de reprodução de seus lugares sociais por meio da expulsão precoce do sistema de

[2] Para maiores detalhes sobre a pesquisa com as catadoras, ver Oliveira 2010.

[3] Em estudo sobre variáveis sociodemográficas (classe social, gênero e raça) e como elas interferem na repetência e interrupção da escolarização, Alves et al. (2007) apontam o alto capital econômico das famílias como fator de proteção contra o abandono da escola no Brasil.

ensino, ou por uma permanência mais prolongada marcada por inúmeras repetências, o que Nogueira (2007) denominou "círculo vicioso de escolarização", característica comum nas trajetórias de escolarização dos jovens pesquisados.

Para analisar a escolarização desse grupo social, elegi como referencial teórico-metodológico os estudos produzidos por Pierre Bourdieu. Com sua sociologia relacional, Bourdieu procurou articular a análise das dimensões objetivas e subjetivas da realidade social. O autor explica a sociedade a partir de hierarquias organizadas pelo volume e estrutura de capital econômico, cultural e social. Para Bourdieu, o sistema de ensino valoriza o capital cultural[4] que não está presente nas famílias de camadas populares. Assim, ao ingressar no sistema de ensino, os jovens oriundos dessas famílias, despossuídas também de capital econômico e social, já chegam perdendo, pois os fatores materiais e econômicos e o lugar que ocupam no espaço social podem funcionar como barreiras para uma escolarização bem-sucedida.

Nessa perspectiva teórica, Bourdieu escreveu, com Jean Claude Passeron, uma obra que se tornou clássica para o campo da Educação – A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino –, publicada pela primeira vez em 1970, na França. Segundo os autores, eles tinham como objetivo romper com concepções espontaneístas da ação pedagógica, elaborando uma teoria da prática pedagógica. Bourdieu e Passeron investigaram o sistema de ensino, por meio da análise das desigualdades de rendimentos escolares relacionadas à origem social dos indivíduos. Para eles, é preciso considerar os aspectos mais específicos e ocultos da relação existente entre origem social e escolarização, pois a maneira particular orquestrada pelo sistema de ensino em seu interior, para realizar a "sua função social de conservação e sua função ideológica de conservação", deve ser objetivada pelo pesquisador, na medida em que se encontram, nessa maneira particular de organização, explicações possíveis para a produção do sucesso e do fracasso escolar. A ação pedagógica dos professores, transmutadas nos exames,

[4] Segundo Bourdieu (2008d, p. 73), a noção de capital cultural é uma hipótese indispensável para investigar o desempenho escolar e sua relação com a classe social dos indivíduos. Para o autor, esse é o mais "oculto e determinante socialmente dos investimentos educativos, a saber, a transmissão doméstica do capital cultural". Além disso, a utilização do conceito de capital cultural em seus três estados – incorporado (o ter que se tornou um jeito de ser), objetivado (bens materiais, como pinturas, livros, obras de artes) e institucionalizado (o diploma, que funciona como uma "certidão de competência cultural") é indispensável para análise da relação família pobre e escola.

nas formas de comunicação com esses jovens e suas famílias, auxilia na dominação simbólica exercida pela escola sobre as classes dominadas no espaço social. Bourdieu e Passeron produziram a "Teoria da Reprodução", que tem como objetivo explicar a reprodução das desigualdades produzidas no sistema de ensino, por meio das desigualdades de origem social dos indivíduos que nele ingressam. (BOURDIEU e PASSERON, 1982).

Desde a década de 1970, até os dias atuais, muitas mudanças ocorreram na interpretação do sistema de ensino e de sua relação com a origem social dos indivíduos. Contudo, segundo Alves et al. (2007), é inegável que a Teoria da Reprodução ainda pode ser considerada o referencial teórico mais utilizado quando se trata da relação escola e desigualdades de origem social e cultural.

Em seus últimos escritos sobre Educação, Bourdieu operou certas adequações de suas análises sobre o sistema de ensino. Contudo, ele insiste em afirmar que uma parte importante de transmissão de privilégios sociais ocorre por intermédio do sistema escolar, que, segundo o autor, ainda no final do século XX servia para "ratificar, sancionar, transformar em mérito escolar heranças culturais que passam pela família" (BOURDIEU, 2002, p. 15).

É preciso salientar que alguns autores (DUBAR, 2005) criticam a obra de Bourdieu por ele reduzir o processo de aquisição da identidade social, e por conseqüência do capital cultural, à construção do *habitus* (principal categoria conceitual da praxiologia bourdieusiana) e sustentam outra possibilidade de pensar a socialização. Pierre Bourdieu compreende o *habitus* como

> um sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera a estrutura, as práticas e as representações que podem ser objetivamente "regulamentadas" e "reguladas", sem que por isso seja o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo (BOURDIEU, 1980, p. 175).

Para Carneiro da Silva (1999, p. 192), a força de determinação do *habitus* sobre o comportamento do agente[5] será maior se ele se encontra imerso nas mesmas estruturas objetivas com aquelas que geraram o *habitus* interiorizado.

[5] Segundo Carneiro da Silva (1999), Bourdieu preferia o emprego da palavra "agente" no lugar do vocábulo "ator".

> Um *habitus* interiorizado durante um dado período de socialização (durante a socialização familiar, por exemplo) pode ser reforçado ou enfraquecido por outros processos de socialização vivenciados pelo agente (na escola ou na vida profissional, por exemplo). De todo modo, com a noção de *habitus*, nós estamos diante de um indivíduo que age não em função de determinações objetivas, mas a partir de disposições subjetivas. Dito de outra forma, trata-se de uma lógica de ação que parte do interior do agente, ainda que se reconheça que o *habitus* é, de certa maneira, a história corporificada.

Para alguns críticos da obra de Bourdieu (DUBAR, 2005), seria possível pensar a socialização como processo biográfico de disposições oriundas não exclusivamente da família e da classe social de origem, como também por outros sistemas de ação que atravessam o indivíduo ao longo de sua vida. Tais autores afirmam que é necessário substituir "estruturas objetivas que produzem o *habitus*" pelo conjunto de situações sociais em que transcorreu a vida de um indivíduo.

Os dados da minha pesquisa revelaram que os jovens, filhos das catadoras do lixão, estudaram pouco. Logo, trabalho com a hipótese de que a pobreza material, o pouco capital cultural e escolar de que dispõem, assim como a socialização dessas famílias pobres, traduzidas em comportamentos e valores, podem ter funcionado, em seus percursos de escolarização, como características que produziram obstáculos em suas trajetórias escolares.

Nessa perspectiva, para Nogueira (1991), situar as diferentes classes ou frações de classe na inserção do mercado escolar pode nos permitir descrever práticas, estilos e comportamentos e estabelecer pontes dessas práticas com as trajetórias escolares dos indivíduos. A autora afirma que a maior característica da relação das camadas populares urbanas com o sistema de ensino é a contradição. Tal característica deve ser compreendida na relação de ambiguidade que esses grupos mantêm com a instituição escolar. Esses indivíduos sentem-se discriminados, desvalorizados e inferiorizados socialmente pela escola; contudo, não abrem mão do direito à instrução e depositam nela expectativas de promoção social, pois ainda percebem a escola como um meio para se afastarem de condições de vida precárias.

3. A vulnerabilidade social e o impacto sobre a escolarização dos jovens

Os jovens, filhos das catadoras do lixão de São Gonçalo, e suas famílias fazem parte de um grupo social, que, mais que outros de camadas populares, vivem uma batalha cotidiana pela sobrevivência na informalidade, por meio de um trabalho desqualificado socialmente, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Para esses jovens e suas famílias, faltam saneamento básico, condições adequadas de moradia, equipamentos de esporte e lazer, garantias trabalhistas, atendimento médico, creches e escolas públicas de qualidade. Sobram-lhes problemas relacionados à proximidade com a violência urbana – personificada no tráfico de drogas –, à poluição e degradação ambiental, à ausência de políticas públicas de enfrentamento aos problemas decorrentes do crescimento urbano desordenado. Devido a essas condições de vida, considero que esse grupo vive em situação de vulnerabilidade social.

Nessa perspectiva, quando, ao longo deste trabalho, deparei-me com a questão do tráfico de drogas, que cercava a vida das catadoras e seus filhos, recorri a pesquisadores do campo da Antropologia e da Sociologia urbana. Principalmente, os que produziram pesquisas sobre a questão do tráfico de drogas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, tais como Alba Zaluar (1994a, 1994b, 2001, 2008), Luiz Antônio Machado da Silva (2008a, 2008b) e Patrícia Birman (2008).

A análise do contexto de vida dos jovens, filhos das catadoras, me possibilitou afirmar que eles vivem sob cerco (SILVA, 2008a, 2008b), assim como boa parte dos moradores de favelas e bairros pobres do Rio de Janeiro. Esse grupo tem suas vidas cercadas pela ameaça constante da violência urbana, compreendida como "uma *representação coletiva*, uma categoria do entendimento de senso comum que consolida e confere sentido à experiência vivida nas cidades, bem como orienta instrumental e moralmente os cursos de ação" (SILVA, 2008a, p. 35; grifo do autor).

Imersos nessa realidade, os jovens desse grupo social apresentam percursos de escolarização acidentados. A seguir, apresentarei dados sobre a escolarização desse grupo, utilizando-me de um quadro que informa idade, grau de escolaridade alcançado, situação no sistema de ensino e ocupação.

Nove filhos das catadoras tinham, à época da pesquisa, entre 15 e 18 anos, sendo duas meninas e sete meninos. Seis ainda estudam e três interromperam a escolarização. Dentre os que interromperam a escolarização, há dois meninos e uma menina (Quadro 01).

Quadro 01: Filhos das Catadoras na Faixa Etária de 15-18 anos, Idade, Escolaridade, Situação Escolar Atual e Ocupação.

Nome	Idade	Escolaridade Ensino (Fundamental)	Situação Escolar Atual	Ocupação
Diogo	18	4º ano	Interrompeu	Tráfico de drogas
Daiana	17	6º ano	Interrompeu	Do lar
Danilo	15	6º ano	Interrompeu	Não trabalha
Wendell	15	6º ano	Cursando	Catador
Tales	18	7º ano	Cursando	Faz biscates
Fabrício	16	9º ano	Cursando	Faz biscates
Alex	15	7º ano	Cursando	Não trabalha
Ilma	16	9º ano	Cursando	Não trabalha
Almir	17	7º ano	Cursando	Não trabalha

Fonte: Dados da pesquisa.

Analisemos os motivos da interrupção dos estudos. Daiana[6] interrompeu a escolarização, segundo sua mãe (Ana), por sentir vergonha de estudar grávida. Na ocasião da entrevista, ela estava com 17 anos, tinha um filho de dois anos e estava grávida pela segunda vez.

Dois meninos estavam sem estudar em 2008: Diogo e Danilo. Diogo já trabalhara como catador. Na época da pesquisa, ele estava envolvido com o tráfico de drogas e não podia morar com a família. A mãe informou que a polícia o estava ameaçando de morte e já havia procurado por ele, em casa, duas vezes:

> Quero que Deus resgate ele [...] pra mim, né? Não aceito, não [...] Às vezes... Você acredita que a polícia invade lá minha casa? [...] Já, duas vezes. Agora vão pegá ele pra matá [...] E anteontem, eles invadiram lá [...] Já tá fazendo 19 [anos], vai fazer 19; aí, eu não deixo, que eu tenho medo, né? Mas tá magro... [...] Ah, ele fica morando lá pra dentro [...] Tem um monte de conhecido. Oh, eu posso dizer pra você a verdade? Pra coisa errada, você sempre acha alguém que te apoia, você só não acha quando você quer fazer o bem. Então, casa pra ele dormir é o que não falta. Pra comer... pra comer, ele tem o dinheirinho, né? Mas só vem em casa pra tomar banho e é raro ele dormir lá em casa (ANA, 41 anos).

[6] Todos os nomes dos envolvidos nessa pesquisa foram modificados para que a identidade dos sujeitos fosse preservada.

Como Ana previra durante sua entrevista no segundo semestre de 2008, Diogo foi assassinado em junho de 2010. As circunstâncias de sua morte ainda não foram esclarecidas. A família e os meus informantes não quiseram me fornecer detalhes sobre o seu assassinato.

Danilo, de 15 anos, está sem estudar porque, segundo a mãe, é muito preguiçoso no que se refere aos estudos. Mas ela acredita que ele ainda voltará a estudar. Danilo tem um irmão de 22 anos que está preso por envolvimento com o tráfico de drogas, a mãe do menino teme que ele siga o exemplo do irmão.

Dos seis que ainda estão estudando, há cinco homens e uma mulher. Os seis adolescentes apresentam distorção idade-série. Quando completaram 15 anos, foram obrigados a se matricular em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Três deles acumulam estudo e trabalho. Dois fazem biscates e um também é catador do lixão.

A passagem para o segundo segmento do Ensino Fundamental parece ser uma fase definidora na escolarização de jovens, período de mudança de nível de escolaridade que a maioria desse grupo encontra dificuldade para ultrapassar. Importante ressaltar que, embora consigam chegar a esse segmento, todos os filhos das catadoras apresentam distorção idade-série a partir desse nível de ensino.

Nesse grupo, dois jovens se aproximam de uma escolaridade mais regular: Ilma e Fabrício. Nesse sentido, eles se destacam dos demais, pois estavam cursando o último ano do Ensino Fundamental com 16 anos, portanto, apresentavam um ano de defasagem idade-série.

Segundo informação passada por sua mãe, Rita (via contato telefônico), Ilma estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio durante o ano de 2009. Ela é filha da única catadora que concluiu o Ensino Médio no grupo pesquisado. Seu pai também terminara o Ensino Médio e trabalhava como balanceiro na usina de catação que funciona na empresa que administra o lixão de São Gonçalo. Ilma é negra, tem apenas uma irmã, de nove anos. Seu avô paterno fora sargento do Exército, o que merece destaque – os avós dos demais jovens exercem profissões manuais –, ainda mais em um país como o Brasil, em que apenas 20% dos jovens não-brancos e de famílias com rendas tão baixas quanto a da família de Ilma chegam ao Ensino Médio (ANDRADE e DACHS, 2007). Essa família parece reunir

alguns fatores que propiciam percurso escolar bem-sucedido da jovem, como, por exemplo, o maior grau de escolarização dos pais.

Fabrício (16 anos), na ocasião da pesquisa, estava com a mesma idade de Ilma e na mesma série. Entretanto, não consegui contato com sua mãe, para saber se ele, no ano seguinte, ingressara no Ensino Médio. Embora Mônica (sua mãe), tenha estudado até o terceiro ano do Ensino Fundamental, afirma ter esquecido como escrever, por isso se considerava analfabeta. Seu padrasto estava concluindo o Ensino Fundamental no ano de 2009. Fabrício é o segundo de cinco irmãos: Tales (18 anos) e Milton (14 anos), que estavam no sétimo ano; Sandro (12 anos), que cursava o sexto ano; e Mariano (10 anos), que cursava o terceiro ano do Ensino Fundamental. Nessa família, Fabrício era o que havia alcançado o maior grau de escolarização até aquele momento.

Se, no caso de Ilma, posso levantar a hipótese de que sua escolaridade mais regular em comparação com filhos de outras catadoras é devida ao fato de ela pertencer a uma família que detém mais capital escolar, no caso de Fabrício não obtive elementos para tal.

Analisando o grupo em sua totalidade, constato que a taxa de distorção idade-série entre os filhos das catadoras entre 15 e 18 anos é de 100%. Esse número é assustador, pois os dados da pesquisa "Juventude e Políticas Sociais no Brasil" divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2008 apontavam que, no país, 34% dos jovens entre 15 e 17 anos ainda estavam no Ensino Fundamental, quando já deveriam estar cursando o Ensino Médio[7]. Nesse sentido, a taxa de distorção idade-série entre esses adolescentes é quase três vezes maior que a média nacional. É preciso considerar que nas "injunções do jogo escolar, os jovens originários de meios populares que conseguem permanecer por mais tempo na instituição, isto é, além do obrigatório, são constantemente submetidos a práticas de eliminação de diferentes graus em todos os níveis de ensino" (ZAGO, 2007, p. 40).

Dessa forma, a teoria produzida por Bourdieu para explicar o rendimento escolar desigual, relacionando-o à origem social dos indivíduos, pode ser utilizada para analisar alguns casos dos filhos das catadoras, pois, segundo esse autor, "a

[7] Disponível em www.diariodonoroeste.com.br. Acesso em: 20 dez. 2009.

escola sanciona, portanto, aquelas desigualdades que somente ela poderia reduzir" (BOURDIEU, 2008c, p. 61).

Levando-se em consideração o fato de as estatísticas apontarem que no estado do Rio de Janeiro a faixa etária em que mais morrem jovens é a de 15 a 18 anos, podemos avaliar a vulnerabilidade social que atinge os filhos jovens das catadoras, que vivem numa localidade dominada pelo tráfico de drogas. Três catadoras tiveram filhos envolvidos com o tráfico, um deles foi morto enquanto desenvolvia esse trabalho.

Ao fim desta pesquisa, questionei-me a respeito do futuro dos filhos menores das catadoras. Será que eles podem ser considerados um mercado de reserva para o tráfico de drogas nos próximos anos? Penso que a vulnerabilidade social que cerca a vida desses jovens pode se tornar um fator de risco para o envolvimento com o tráfico de drogas e por conseqüência pode levar esses jovens ao abandono da escola.

> Nestes setores mais vulneráveis à ação policial, os efeitos da própria repressão podem ser desastrosos por estimularem a criminalidade violenta. Isto porque, no combate ao uso de drogas, a polícia tem um enorme poder em determinar quem será ou não processado e preso como traficante, crime considerado hediondo. Jovens de classe média alta não chegam a ser estigmatizados como problemáticos, antissociais ou violentos, apresentando-se muito mais como jovens em busca de diversão ou, quando exageram, jovens que necessitam atendimento por médicos e clínicas particulares [...] Jovens pobres, porém, não gozam da mesma compreensão. Entre os pobres, existe maior pressão para o envolvimento com os grupos de criminosos comuns, por conta da facilidade de entrar em dívida com o traficante, da facilidade em obter armas e estímulo para ação criminosa, da facilidade de esbarrar na repressão policial que prende os "maconheiros" pobres para acrescentar números na sua folha de serviços, bem como da dificuldade em encontrar atendimento médico e psicológico quando vêm a ter problemas reais no uso e controle das drogas (ZALUAR, 2008, p. 9-12, grifos da autora).

É importante levar em consideração que o recrutamento dos jovens pelo tráfico de drogas se dá, em sua maior parte, em favelas e bairros pobres das regiões metropolitanas (ZALUAR e LEAL, 2001). Essa é uma dimensão que não pode ser negligenciada em pesquisas sobre escolarização de jovens. Dessa forma, segundo as autoras, temos de neutralizar a "socialização concorrente" organizada pelo tráfico melhorando a escola para os mais pobres, levando-se em consideração que essa

"socialização" no tráfico diminui substancialmente a expectativa de vida dos homens jovens, "instituindo o medo e a insegurança na sua relação com a vizinhança e a própria cidade, além de instituir o poder do mais forte ou, pior, do mais armado" (ZALUAR e LEAL, 2001, p. 149).

Apesar de ter encontrado apenas três casos de filhos envolvidos com o tráfico de drogas, entre as dez catadoras que entrevistei, não podemos negar a influência dessa questão na vida das pessoas que moram nessas regiões. Também não podemos esquecer o fato de que a maioria dos jovens que vive em favelas dominadas pelo tráfico de drogas não ingressa no mundo do crime.

4. Considerações Finais

Neste trabalho, é importante considerar que, atualmente, mais do que nunca, temos visto o acesso dos mais pobres às escolas aumentando, pois nas últimas décadas, o Estado brasileiro aumentou as chances de entrada no sistema de ensino, quase generalizando o acesso ao Ensino Fundamental. O que mudou foi a lógica da exclusão, que agora ocorre no interior do sistema de ensino, gerando novas desigualdades. Se, atualmente, o sistema de ensino é considerado mais aberto e democrático do que nunca, cabe nos perguntarmos: que escola é oferecida aos mais pobres?

Segundo Bourdieu (2008a, p. 223), o sistema de ensino "aberto a todos" tem conseguido a façanha de "reunir as aparências da democratização com a realidade da reprodução que se realiza em um grau superior de dissimulação, portanto, com um efeito acentuado de legitimação social".

A pesquisa sobre a escolarização dos jovens desse grupo me elucidou outras questões, na medida em que compreendi melhor como opera, em nossa sociedade, a transformação de desigualdades sociais em desigualdades escolares. O grupo de jovens, filhos de catadoras, estudou pouco ou tem percursos de escolarização acidentados. Por isso, esses jovens são designados a ocupar um lugar desprivilegiado na hierarquia social, na medida em que a escolaridade hoje, mais do que nunca, determina o lugar dos indivíduos no mercado de trabalho.

Por outro lado, considero que, mesmo compreendendo as lógicas de escolarização das camadas populares por meio de uma relação de dominação, em que os professores representam os agentes dominantes e as famílias de camadas

populares os agentes dominados, não podemos nos deixar levar por "impasses conexos", ou seja, "pensar a dominação sem autonomia ou a autonomia sem dominação" (THIN, 2006, p. 52).

Espero que esse artigo possa auxiliar professores e pesquisadores a compreender melhor a relação entre juventude, escolarização e pobreza no Brasil, pois por meio dessa pesquisa pude compreender melhor como as desigualdades sociais continuam se transformando em desigualdades escolares para um grupo de jovens pobres da região metropolitana do Rio de Janeiro.

5. Referências Bibliográficas

ALVES, Fátima; ORTIGÃO, Isabel; FRANCO, Creso. Origem social e risco de repetência: interação raça-capital econômico. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 130, p. 161-180, jan./abr. 2007.

ANDRADE, Cibele Yahn de; DACHS, Norberto W. Acesso à educação por faixas etárias segundo renda e raça/cor. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 399-422, maio/ago. 2007.

BIRMAN, Patrícia. Favela é comunidade? In: SILVA, Luiz Antônio Machado da (Org.). **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 99-114.

BOURDIEU, Pierre. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008a. p. 81-126.

BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008b. p. 217-227.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008c. p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008d. p. 71-79.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. 98 p.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Minuit, 1980.

CARNEIRO DA SILVA, Waldeck. O lugar do sujeito no processo de produção de conhecimento em sociologia da educação: uma reflexão baseada na teoria de Bourdieu. In: TRINDADE, Vitor; FAZENDA, Ivani; LINHARES, Célia. (Org.). **Os lugares dos sujeitos na pesquisa educacional**. Campo Grande: EDUFMS, 1999. 440 p. p. 183-199.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NOGUEIRA, Maria Alice. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Org.). **Família & escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 125-154.

NOGUEIRA, Maria Alice. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais. Notas em vista da construção do objeto de pesquisa. **Teoria & Educação,** Porto Alegre, n. 3, p. 89-112, 1991.

OLIVEIRA, Elaine F. R. **Um outro mundo no mundo da escola**: escolarização dos filhos das catadoras de um lixão na perspectiva das mães. 2010. Tese (Doutorado em educação) - UFF, Niterói, 2010.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Violência urbana, sociabilidade violenta e agenda pública. In: _____ (Org.). **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a. p. 35-45.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Introdução. In: _____ (Org.). **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b. p. 13-26.

THIN, Daniel. Famílias de camadas populares e a escola: confrontação desigual e modos de socialização. In: MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues; PAIXÃO, Lea Pinheiro (Org.). **Educação, diferenças e desigualdades**. Cuiabá: EDUFMT, 2006. 252p. p. 17-55.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO,

Nadir (Org.). **Família & escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 17-43.

ZALUAR, Alba. Introdução. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Drogas e cidadania**: repressão ou redução de riscos. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 7-29.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 134-164, fev. 2001.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: organizações populares e o significado da pobreza. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994a. 265 p.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. Campinas: EDUNICAMP, 1994b.